

TRIBUNA Livre

20
DEZEMBRO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARROSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARROSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

CENTENÁRIO DE SÁ DE MIRANDA

Por EME

rica personalidade de Sá de Miranda desdobra-se em várias facetas que tornam complexa a análise da sua vida e da sua obra, as quais, à medida que vão sendo devassadas, mais se desentramham em pormenores, com tantos outros problemas difíceis de interpretar e resolver, por mal documentados; contudo, as linhas gerais da sua obra e da sua vida exemplar, encontram-se definidas e arrumadas. Sá de Miranda, o «Bom Sá», o poeta-lavrador, o poeta-filósofo, aquele que, segundo Garrett «filosofou com as musas e poetizou com a filosofia», não necessita de maior glória do que: por um lado, o valor moral da sua obra, bem de harmonia com o carácter de «Homem de um só parecer / Dum só rosto e d'ña fé»; por outro, o mérito de ter sido o introdutor da Renascença literária em Portugal, que apesar do retraimento de certos autores a tal respeito, nenhum ousa negar-lhe, ao menos, a honra de ter sido, entre nós, um precursor da corrente renascentista importada da Itália.

A maior parte das hipóteses depreciativas da figura excelsa de Sá de Miranda, não passam de meras suposições que não vale a pena sequer mencionar, pela improcedência de que se

revestem. Neste ano de 1958 decorre o IV Centenário da sua morte. Não se sabe, ao certo, em que

dia e mês faleceu; e embora o biógrafo anónimo lhe dê o falecimento em 15 de Março de (Continua na 2.ª página)



MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva
(Continuação do número anterior)

Nos dois ângulos da fachada da igreja, estão duas torres quadradas, de boa cantaria. Tem na base 5,50, por lado, e as cúpulas são de tijolo. Foram construídas juntamente com a igreja.

A porta principal abre sobre o adro, lageado de boa pedra, o qual tem de comprimento 13m., e de largura, (Continua na 4.ª página)

Sopa dos Pobres de Ferreiros

Aqueles que conhecem a Instituição de Beneficência «Sopa dos Pobres de Ferreiros» e os seus benefícios em prol dos necessitados, julgam no verdade o seu grande alcance social.

Obra fundada oficialmente em 1948 pelos saudosos filhos desta Terra Rev. Padre José Joaquim da Costa Azevedo e Luis Gonzaga Calheiros de Abreu.

O primeiro, impulsionador desta iniciativa, exerceu até ao último dia da sua vida, o cargo de Tesoureiro com a maior eficiência.

O segundo, com inúmeros actos de benemerência, dotava a sopa com abastados subsídios nas suas épocas de crise financeira.

Antes do falecimento, o (Continua na 4.ª página)

O SNR. PRESIDENTE DA CÂMARA EXPRIME A TODOS OS MUNICÍPES o desejo de um Natal Alegre e um Ano Novo Feliz

Na véspera de se ausentar para Lisboa, esteve, ontem, na nossa Redacção, o Sr. D. Humberto Góis de Carvalho Daun e Correia, Ilustre presidente do nosso Município, que quis manifestar-nos o desejo de Boas Festas e Feliz Ano Novo. Na mesma oportunidade S. Ex.ª quis que nas colunas deste Jornal apresentássemos as suas despedidas a todos os munícipes e a todos expriméssemos o seu desejo muito sincero de que tenham um Natal Alegre e um Ano Novo Feliz. Por nós e por todo o Concelho petrelhosmos os votos expressos e formulamos o desejo de que além de um Natal venturoso, S. Ex.ª experimente, no Novo Ano, os maiores êxitos pessoais e políticos.

CONTO DO NATAL A Tia Miquelina



O Natal estava à porta e a Tia Miquelina, mais uma vez, se ia desempenhar da habitual tarefa da compra de pinhas mansas para oferecer aos sobrinhos e fazer arder em crepitante fogueira, no dia da Consoada, na operação a que chamavam «o assar das pinhas». Acabava de chegar do mercado com a preciosa mercadoria; os pequenos não tinham ainda voltado da escola, pois ela, propositadamente, quis chegar mais cedo para fazer a surpresa aos sobrinhos; eram 3 duzias de pinhas, bem escolhidas, que se adivinhavam cheias de gordos pinhões e que os

pequenos iriam receber em festa.

A campanha deu sinal e eram chegados os três irmãos: Carlinhos, Joãozinho e Mafaldinha. A Tia esperou-os e logo notou que o Carlinhos vinha bastante amuado e tratou de inquirir o que se havia passado:

— Mafaldinha! O que aconteceu a teu irmão?

— A Tia já sabe como o Joãozinho é! Bateu no Carlinhos..

— Por que fizeste isso Joãozinho?!

E como este não respondesse, logo se lhe viu a culpa estampada no rosto e a Tia deu a sentença:

— Não terás pinhões no Natal, seu malvado! Eu já te havia prevenido que, se continuasses assim, te castigaria!

As pinhas já ali estão, mas as tuas ficarão a pertencer ao (Continua na 6.ª página)

Um ano na vice-presidência da nossa Câmara

Passou na presente semana o primeiro aniversário da posse do sr. Adão Arantes Russell no cargo de vice-presidente da nossa Câmara.

Não queremos deixar passar a data sem lhe referir algumas palavras, aliás merecidas. Tal como prevíamos a quando da nomeação, as suas actividades têm servido para prestigiar a acção do Município e para ajudar o seu Presidente, de quem é devotado e leal servidor.

Conhecedor do Concelho e dos seus homens, a sua opinião esclarecida deverá ter sido utilíssima para quem, de princípio, desconhecia o nosso meio; daí uma justa quota parte no que tem sido feito.

Quanto a nós nada mais (Continua na 4.ª página)

Capela Paroquial DE S.TA MARTA LAGO

ATENDENDO ao que apresenta no penúltimo n.º o digníssimo correspondente desta localidade, quanto à ligeireza com que foi tratada a capela paroquial de Santa Marta—e muito bem—salvo o emprego de dois adjectivos qualificativos, que podiam ter melhor aplicação, cumpre esclarecer:

Nem sempre é possível re- (Continua na 4.ª página)

«Tribuna Livre»

DESEJA A TODOS OS SEUS COLABORADORES, ASSINANTES, ANUNCIANTES E AMIGOS, UM NATAL FELIZ E UM ANO NOVO CHEIO DE PROSPERIDADES.

Centenário de Sá de Miranda

(Continuação da 1.ª página)

1558 e esta data tenha sido aceite durante muito tempo e por autores como Camilo, Teófilo Braga, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, mais recentemente, o Dr. José de Sousa Machado, autor de «O Poeta do Neiva», desfez esta hipótese ao mencionar neste trabalho de investigação, ter feito Sá de Miranda, em Maio de 1558, documentos de compras de propriedades; não indicou, porém, a verdadeira data da morte do Poeta, sendo no entanto aceite que ela se deu durante o ano de 1558, na Quinta da Tapada (Amares). Encontra-se sepultado na capela da Tapada, erecta na Igreja de S. Martinho de Carzedo (Amares), com epitáfio do P.e João Freire, da companhia de Jesus.

Também, relativamente ao seu nascimento, lavra a dúvida. Sabe-se que nasceu em Coimbra, por sua própria declaração, mas não é hoje aceite a data de 27 de Outubro de 1495 (coroação de D. Manuel I), referida pelo biógrafo anónimo, por incompatível, e, antes, se adoptou a de 28 de Agosto de 1481, data da subida ao trono de D. João II.

Outras datas há que marcam posição de relevo na vida de Sá de Miranda: a sua formatura em leis pela Universidade de Lisboa, por volta de 1516, onde chegou a ser professor; a viagem à Itália, Secília e Espanha (1521-1526).

Quando em 1527, D. João III com a sua Corte, se transferiu para Coimbra devido à peste que então grassava na Capital, havia regressado. Sá de Miranda, recentemente, da sua célebre viagem de estudo, que havia feito, provavelmente, em companhia de seu amigo, o escritor contemporâneo Bernardim Ribeiro.

Não deixa de ser curioso ter sido a primeira obra que produziu, depois desta viagem, uma comédia em prosa portuguesa, «Estrangeiros», em cujo prefácio se inculcam certas referências depreciativas a Gil Vicente, a que este deu réplica logo que chegou a Coimbra, na comédia «Divisa da Cidade». Por sua vez Sá de Miranda versou idêntico tema em «Fábula do Mondego», canção lírica ou poesia bucólica, a primeira composição em verso, na nova medida italiana, apresentada em Portugal, escrita em castelhano e com prólogo e epílogo em português.

O Dr. Francisco de Sá de Miranda acabava de introduzir em Portugal a escola da Renascença, como Boscan e Garcilaso o haviam feito em Espanha.

Com esta composição lírica que o novo «metro» sublima e denuncia a influência de Petrarca, definiram-se duas correntes: a escola antiga dos trovadores de glosas, vilancetes, esparsas e cantigas; e a escola italiana dos modernos poetas da Renascença, com «o soneto e a canção de Petrarca, o terceto de Dante, a oitava rima

de Policiano, Bocácio e Ariosto, a écloga de Sannazarro», que Sá de Miranda foi cultivando, sucessivamente, com grande escrupulo e arte impecável. Ao contrário do que viria a suceder posteriormente —em que a sua obra se tornou de feição mais filosófica e moral do que de sensibilidade poética—na «Fábula do Mondego», Sá de Miranda soube ser lírico e mostrou desde logo a sua superior cultura humanística e familiaridade com a nova «medida» italiana.

Atribui-se ao facto de ter versado nesta obra tema idêntico ao de Gil Vicente, a principal nota denunciadora das presumíveis rivalidades entre os dois poetas contemporâneos, mas de correntes estéticas diferentes: a velha e nova escola, a qual, como quase sempre aconteceu às ideias inovadoras, havia de sofrer a influência reaccionária da antiga escola medieval.

No entanto, Sá de Miranda tanto era mestre consumado na velha redondilha como nos novos «metros» importados.

Apesar de ter nascido em Coimbra, de ter vivido na Corte Lisboaeta e viajado muito, recebendo a influência das terras por onde passou, pode dizer-se que foi no Minho aonde veio formar definitivamente a sua personalidade austera e onde encontrou verdadeiramente aquela paz de espírito que procurava a sua alma inquieta:

Comigo me desavim.

*Vejo-me em grande perigo:
Não posso viver comigo;
Não posso fugir de mim.*

Não se sabe ao certo o verdadeiro motivo do afastamento de Sá de Miranda, da Corte, mas facilmente se deduz que não lhe agradava o ambiente em que medrava a intriga e a corção:

*Vou fugindo às armadilhas
Que via armar e tecer.*

Segundo carta a Mem de Sá, seu irmão, a este «abrigo» minhoto recolheu «cansado» de viagens e da vida citadina e cortesã, à procura da «muito amada» independência e «rica liberdade».

Na comenda das Duas Igrejas e depois aqui em Amares, na Quinta da Tapada, onde se instalou definitivamente, produziu a parte mais fecunda da sua obra, pondo inteiramente à prova o seu espírito observador e alta estirpe moral da sua vida sã, em que sobressaem os mais austeros dotes de educador e moralista exemplar que, satirizando o mal, realçava o bem.

Para aqui veio com a intenção de «vestir ricamente a alma», segundo a sua própria expressão.

O casamento com a nobre Dama Amarense da Casa de Castro, D. Briolanja de Azevedo, fê-lo prender definitivamente a estas Terras de Entre-Homem e Cávado que tanto

amou e por sua vez tanto prazer espiritual derramaram sobre a sua vida simples e honrada.

Acerca do casamento, pôs ele na boca de um dos personagens de uma peça, que era «causa santíssima e necessária», e referiu-se também a ele noutra ocasião, dizendo a «só uma dar o coração».

Aqui se veio prender de amores pela esposa, embora se não tivessem ambos casado muito jovens, e amou também o seu «refúgio» da Tapada e toda esta nossa Terra, sobre cujos encantos se perdeu frequentemente nas suas incisivas apreciações, bem como sobre as actividades que aqui desdobrava pela lavoura, pela literatura e pela caça.

Esta região era então rica de espécies, tais como a cabra geresiana, o veado, o javali, até o grau, a perdiz, etc., algumas extintas e outras hoje só existentes na Serra do Gerês.

Sá de Miranda, bom cavaleiro, dedicava-se à caça desta espécie, algumas semi-ferozes, como o javali, cuja caça era feita a cavalo e à forquilha. A pesca era outro desporto em que matava os ócios.

Sem pretendermos acusar Sá de Miranda de gastrónomo, como exageradamente se disse já a seu respeito, devido ao realismo com que se refere ao prazer da mesa; às boas perdizes, «fruta da terra», «caçaça», que bem lhe sabiam em Cabeceiras de Basto; às «ceias de paraíso» como chamava às da Quinta da Tapada; ele apreciava e descrevia nas suas Cartas as várias formas de felicidade que encontrou no «refúgio», e a mesa, à volta da qual reunia parentes e amigos em alegre e saudável convívio, não escapou também à exteriorização das suas horas de alegria.

Amava a vida simples e o contacto com a natureza que tanta influência exerceram sobre a sua personalidade.

Homem de bons costumes e sã moralidade, era também artista exigente em que imperava a concisão e poder de síntese, inovador e tradicionalista ao mesmo tempo.

É uma das figuras literárias mais estudadas e por vezes também das mais confundidas. Interessa a quantos dele se ocupam, como escritor e como homem; mais pensador do que poeta, produziu o que modernamente se poderá chamar «literatura actuante»; serviu-se da poesia para narrar filosoficamente dados concretos da vida, para discutir questões económico-sociais, alheio ao lirismo que a poesia naturalmente encerra ou ao sentimentalismo que a inspiração poética geralmente transpira, mas revelando-se profundo observador da época em que viveu, filósofo conhecedor e consumado humanista; nele sobressai o seu elevado carácter, a firmeza de ideais e a inconcussa probidade das suas acções,

que o inculcam como uma das mais altas figuras morais da literatura portuguesa.

É o poeta-lavrador que descreve o voo das aves, a vida do boi, o deslizar célere das águas, a caça, a pesca.

É o poeta-moralista e filósofo que condena a vida materialista e exalta os valores do espírito, mas não deixa de ser também um positivista que faz a apologia da experiência: «O que não experimentares / Não cuides que sabes bem».

Ama a verdade nua, despida pela experiência que, segundo ele, «est mater rerum». Observação e experiência são os dois elementos da sua fórmula de encontrar as certezas e verificar cautelosamente as verdades, com realismo inexcedível.

É o «Solitário da Tapada», aquele cortesão que «Dizendo graças maduras e galanterias sisudos / Ajuntou poesia humana com Suavidade Divina»; e, segundo o biógrafo, «grave na pessoa, melancólico na aparência, mas fácil é humano na conversação, engraçado nela; com bom tom de fala, e muito menos parco em falar que em rir».

* * *

Tem esta crónica a finalidade de lembrar, mais uma vez, a dívida de gratidão que todo o País para com ele tem, mas especialmente Amares que o conserva em seu seio, onde casou, morreu, passou uma boa parte da sua existência e quis assentar definitivamente a sua vida; e também Coimbra, que o viu nascer.

O ano comemorativo do IV Centenário da sua morte está praticamente findo e apesar de alguma coisa terem feito os meios intelectuais para lembrar a Memória de Sá de Miranda, as entidades oficiais, não obstante as várias diligências feitas pela Comissão nomeada em Amares deixaram cair no olvido tais diligências e já não dão sinal de si.

É sempre tempo para homenagear condignamente aqueles que o merecem; e Sá de Miranda merece-o por todos os motivos.

Faça-se em seu Túmulo o que quer que seja para o tornar, ao menos, decente. Coimbra prometeu um busto; Amares tem um condigno projecto de monumento, já conhecido pela publicidade que dele se fez e que preciso levar a efeito com o auxílio do Município e do Estado, única forma de tornar viável a sua realização.

Alguém escreveu, com responsabilidade e com muita propriedade, que Sá de Miranda é, incontestavelmente, o «homem de Amares».

Honre-se, portanto, a sua memória!

E M E

Um ano na vice-presidência da Câmara

(Continuação da 1.ª pag.)

significativo do que poderemos reiterar-lhe, aqui, os votos há um ano formulados e a certeza da nossa colaboração — que poderia, também, afirmar-se, um nome do Concelho.

VATINÍCIO

Continuação da 6.ª página
mingo o Benfica a sua primeira derrota neste torneio? Tudo pode acontecer mas como é lógico, ainda vamos pelo melhor.

O Lusitano recebe no seu ambiente o outro grupo do Barreiro. Os evorenses necessitam de angariar pontos e domingo talvez o consigam. Jogando em casa a vitória não lhes deve fugir desta vez.

O F. C. do Porto, recebe no seu estádio o Torriense. Não há duas opiniões. Os nortenhos vencerão com certeza, falta agora saber por quantos. No final deste comentário, arriscaremos o número como é óbvio fazer-se.

Finalmente teremos o jogo do dia. Os leões defrontam no seu campo o grupo de Belém. Os homens do Restelo estão a fazer uma boa prova, sendo até a equipa que mais jogos seguidos venceu até ao momento. Conseguirá no próximo domingo manter esta marcha? Os leões necessitam da vitória pois sendo já poucas as esperanças para revallidar o título, a serem derrotados comprometerão de vez a suas aspirações. Resultado difícil de vaticinar. Se estiver tempo chuvoso estamos em querer que a vitória do grupo da Cruz de Cristo será um facto, mas se assim não acontecer, os leões poderão vencer a partida, pois o grupo ainda tem valor suficiente para o conseguir. Como o jogo pode resultar para qualquer dos lados nós encaminhamos-nos para o meio, e este será um empate.

E pronto amigos leitores. Para hoje é tudo com a promessa de voltarmos na jornada seguinte.

Setúbal 3 Braga 2
Caldas 2 Académica 1
Guimarães 3 Covilhã 1
Cuf 1 Benfica 3
Lusitano 2 Barreirense 0
Porto 5 Torriense 0
Sporting 2 Belenenses 2

M. Janela

Taça Albano Araújo Rectificação

Por erro verificado na composição da reportagem do encontro J. F. Santiago de Caldelas e F. C. Souto, disse-se que o elemento do primeiro club Ernesto, actuou muito mal e que devia dar lugar a outros que, melhores que ele se limitaram a ver o encontro. Passa-se precisamente o contrário. Ernesto tem queda para a bola e promete vir a ser um bom elemento do J. F. Santiago de Caldelas.

É novo ainda, motivo por que não é de admirar que ele se esgueire ainda a uma jogada perigosa. No entanto, podemos dizer, e com razão, que Ernesto Araújo tem sabido ocupar o seu lugar nos desafios que se vão realizando regionalmente. É sabido que Ernesto promete levar a peito uma gloriosa carreira desportiva.

Fazemos, assim, esta rectificação e declaramos que a «picadela» se referia a outro elemento que, actuando mal, deixou fraca impressão no meio futebolístico e que nos abstermos de nomear, por considerarmos já «água passada».

José Vieira

TRIBUNA do CONCELHO

Campanha do Cimento para os Bombeiros

Continuam a afluir à Sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, subsídios para a Campanha do Cimento, agora mais acentuada, dos amarenses amigos e bairristas espalhados pelo país e estrangeiro, num gesto tão simpático como altruista.

A Direcção vem publicando os seus nomes e testemunhar-lhes o seu grande reconhecimento e muito apreço, a mais os Ex.^{mos} Senhores:

António Fernandes Barbosa— Manaus	2 sacos
Joaquim J. de Azevedo Macedo— »	2 »
Delfim José Rodrigues— »	50\$00
João de Araújo— Rio de Janeiro	1 sacco
Dr. Rubem de Carvalho— Famalicão	1 »
Dr. Eduardo Gonçalves— Feira Nova	5 sacos
D. ^a Adelaide A. Guimarães— Levada	1 »
Joaquim de Macedo— »	20\$00

A Direcção

O presépio da G. N. R.

Como se tem verificado nos anos anteriores, também este ano a G. N. R. deste Concelho procedeu à construção de um presépio, no qual pôs muito esmero e atenção a ponto de o tornar muito completo e vistoso de maneira a dever ser apreciado pelos que o queiram admirar o qual no género, é o que se vê de mais interessante.

Adivinha-se desde logo o muito trabalho a que deu origem a sua construção e o sentido claro que o seu orientador tem do facto bíblico que ali se retrata.

Mais completo, ainda, do que o dos anos anteriores, encontra-se exposto e pode ser admirado no Posto, onde têm acorrido muitas pessoas para o admirar.

Ajudado, embora, por todos os soldados, que também não regatearam o seu interesse, ele deve-se especialmente ao carinho e à compreensão do digno Comandante do Posto, sr. António Gomes da Silva Briote, a quem apresentamos os parabéns que merece.—C.

NOVOS CANDIDATOS a Aspirantes de Finanças

Conforme publicação no Diário do Governo n.º 291, II Série, de 15 de Dezembro corrente, obtiveram honrosas classificações no concurso para aspirante de finanças, os amarenses: José Maria Rodrigues Vieira, filho de Torcato dos Anjos Vieira (funcionário público); António da Rocha Antunes, filho do ilustre professor Alexandre Adelino Antunes, de Caldelas; e António da Rocha Dias, filho de Amadeu de Araújo Dias, proprietário de Portela.

Considerados os melhores do Concelho de Amarens, serão os referidos candidatos muito brevemente chamados para o exercício de tal cargo.

Parabéns aos mesmos e oxalá que no decorrer dos seus afazeres profissionais lhes surjam as melhores felicidades.

C.

CAIRES

Auspicioso enlace

No passado Sábado dia 13, na Matriz desta Paróquia, realizou-se o casamento do Senhor José Pereira Lopes, estremoso filho do Considerado Construtor Civil Senhor Euzébio Exposto, com a gentil menina Francisca Augusta Arantes Esteves, do Lugar das Penas, e querida Sobrinha e afilhada do Rev. P.^o José Joaquim Arantes, ex-arcipreste de Terras de Bouro, que esteve presente ao acto solene na Igreja Paroquial.

Presidiu às cerimónias religiosas o Rev. Pároco P.^o Calisto Vieira que dirigiu aos noivos uma alocução apropriada, celebrou a missa matrimonial e deu as bênçãos nupciais, munido das respectivas licenças.

Paraninfaram da parte do noivo, o Ex.^{mo} Senhor Acácio Jaime Branquinho—Primeiro Sargento das Manobras de Santa Margarida - Lisboa—bem como a sua Ex.^{ma} esposa—e da parte da noiva, o Ex.^{mo} Senhor António Bernardino de Macedo dos Armazéns da Feira, e Sua Ex.^{ma} esposa, desta Vila.

Acto continuo—na nova e restaurada casa dos pais da noiva—foi oferecido um lauto banquete a todos os convidados—cerca de 60 pessoas de todas as camadas sociais, primorosamente confeccionado por um dos melhores Hoteis de Caldelas, cujo pessoal satisfiz aos mais exigentes, servindo muito bem. Houve vários brindes, mormente feitos pelos sacerdotes presentes.

Ao jovem e simpático Lar Cristiano, desejamos as melhores bênçãos e felicidades em Deus, bem como a toda a sua numerosa família.—C.

ACHADO

Encontra-se no Posto da Guarda Nacional Republicana uma caneta de tinta permanente, que se entrega a quem provar pertencer-lhe.

Nesta Redacção podem também ser identificadas duas canetas perdidas e um relógio.

BOURO

Confraria de Nossa Senhora da Abadia REUNIÃO

Em Assembleia Geral, reuniu no passado dia 14 do corrente, a Confraria de Nossa Senhora da Abadia, estando presentes todos os membros da Confraria e ainda um elevado número de Confrades.

A reunião teve lugar no Posto Clínico de Santa Marta, do qual é administradora a referida Confraria, conforme Legado do Benemérito Francisco Manuel da Silva. Eram cerca de 14 horas, quando o Senhor Presidente declarou aberta a Sessão. Seguidamente o Senhor Secretário informou qual o motivo da reunião, e, tomando a palavra o R.^{mo} Francisco Antunes de Almeida, zeloso Reitor do Santuário, submete na preciação dos Confrades o plano de melhoramentos, por ele elaborado em «O Ressurgir da Abadia», apontando entre estes, quais os mais necessários, e a possibilidade da sua realização, a que todos os confrades aderiu espontaneamente.

Foram presentes diversas opiniões da parte dos confrades, relacionadas com os interesses de Abadia, entre elas, a leitura de um escrito do digno Confrade Senhor Abílio da Conceição Rolim, residente na Cidade de Braga, que na impossibilidade de comparecer à Assembleia, constituiu seu representante, com plenos poderes para o efeito, o confrade Senhor Francisco José da Silva, apresentando a sua opinião sobre a angariação de receita e propondo uma remodelação nos Estatutos. Lembrou ainda que seria de toda a conveniência a criação de um jornal, que a exemplo de outros Santuários, nele se publicasse o movimento de Abadia, como seja: recebimento de ofertas, casamentos, baptizados, obras em curso ou já projectadas, etc. etc.

Continuando a apresentação de opiniões, o confrade Senhor João Baptista Marques Vilela sugeriu para que a Ex.^{ma} Confraria diligenciasse no sentido de que a Estrada do Santuário fosse considerada Estrada Nacional, visto não ser possível à Confraria a sua conservação e a conveniente reparação, como exige a viação moderna.

A proposta mereceu o concordância de todos os presentes, e, prosseguindo o exposto, o confrade Senhor António Cândido de Almeida, disse ser de toda a justiça que as Obras Públicas tomassem à sua conta as estradas de acesso ao Santuário, visto que a deslocação do elevadíssimo número de Auto-Carros, à Senhora da Abadia, o que é vulgar todos os domingos, especialmente na época do verão, constitui

uma boa receita para o Estado.

Falou também sobre a angariação de receita, dizendo que entre o elevado número de Confrades de Nossa Senhora da Abadia, (talvez mais de mil) fácil seria conseguir-se a receita indispensável para os melhoramentos que se projectam.

Tomou em seguida a palavra, o Senhor António José Antunes de Almeida, digníssimo Secretário da Mesa Administrativa, que submeteu à apreciação dos Confrades a remodelação dos Estatutos que regem a Confraria, o que todos acharam conforme. Disse também que a Mesa Administrativa projectava a construção de um pavilhão, cuja despesa seria custeada segundo as possibilidades do Legado, e se destinaria ao internamento dos pobres mais necessitados, das freguesias que no testamento estão especificadas, para o que encontrou também todo o apoio dos confrades.

O mesmo Senhor, pede opinião para o caminho a seguir sobre um acerto de contas, com pessoa que indicou, e nas quais a Confraria está lesada, dizendo que já havia feito as necessárias diligências, entre elas o envio de uma carta registada, pedindo a liquidação até ao dia 13 do corrente.

Como a referida pessoa não compareceu, foi deliberado por unanimidade que se procedesse à cobrança coersiva.

E por não haver nada mais a tratar, foi encerrada a sessão, lavrando-se a respectiva acta, assinada por todos os Confrades ali presentes.

Resta agora que a Ex.^{ma} Mesa Administrativa, incansável de bem servir o Santuário, faça as necessárias diligências para a realização do plano de melhoramentos. Quanto à receita, estou certo que ela surgirá, seguindo as opiniões expostas durante a Assembleia. E como se trata de obras, que além de embelezar são ainda de extrema necessidade, é de toda a conveniência a sua realização no mais curto espaço possível.

Avante pelo progresso de Abadia!

A. Fernandes

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 26, o Snr. José Bento Antunes.

Dia 27, o Snr. António Bernardino Barbosa de Macedo.

Rendufe

O Mundo Marcha

Numa entrevista que nos concedeu o ilustre Sub-Delegado do I. N. T. de Braga, cuja figura insinuante e simpática muito nos sensibilizou, quando da sua inspecção à Casa do Povo de Rendufe, podemos afirmar que a fusão das Casas do Povo de Rendufe, Barreiros e Lago poderia concretizar-se com grande vantagem para todos os sócios e para o público em geral. Maiores receitas, menores despesas, mais benefícios e até talvez televisão para distrair e instruir o povo.

Já foram dados os primeiros passos e o grande e inteligente elemento que é o Sr. Soares Mendes, dirigente da Casa do Povo de Lago, concordou plenamente com a ideia, que reputa maravilhosa e necessária e julga essa solução muito prestigiosa para os organismos que tanto fazem já no campo da assistência, mas que só os sócios atingidos conhecem e aplaudem o seu valor.

Oxalá que Barreiros ou o Sr. Costa antevejam a visão inteligente do ilustre Sub-Delegado.

É claro que depois do acordo... a sede própria em local já previsto, aliás interessante.

Não acreditamos em más vontades ou atavismo dos valiosos elementos do Estado Novo.

C.

HUMORISMO

Ratoeiras

A Freguesa—entrando na loja apressadamente:

—Dê-me uma ratoeira, mas depressa porque quero apanhar o comboio.

O Caixeiro:—Temos aí ratoeiras...mas lá para isso não servem.

O Camelo

Tomazinho, filho do Tomás leiteiro, vai à escola, para mostrar à mãe o seu adiantamento, lê diante dela, no livro da aula, esta sentença:«... o camelo pode trabalhar até oito dias sem beber».

Sua mãe interrompeu, suspirando:

—O contrário de teu pai, que costuma estar oito dias a beber sem trabalhar.

Mais appetite

O mendigo—Dê-me uma esmolinha, que tenho tanta fome!

A senhora—E porque é que o senhor não trabalha?

O mendigo—Já experimentei fazê-lo, mas ainda me abre mais appetite.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

medido de norte a sul, 25m.; é fechado por uma balustrada de pedra, que tem 1m. de altura. Do adro desce-se por uma escada de cantaria, com quatro degraus, para um terreiro que tem a mesma largura do adro, e de comprimento de nascente a poente uns cento e tantos metros. O templo ocupa o lado do E, a parte da mosteiro, chamada galeria, ocupa parte do lado sul; e os restantes lados são ocupados por muros de propriedades, outrora pertencentes ao mosteiro. No lado norte está, em frente da galeria, metida na parede da cerca, uma linda fonte, com sua concha e tanque, e tem esculpidas em pedra as armas da Ordem, e gravada a era de 1742, com a seguinte inscrição:

14.ª

EN LATICES PHEBI POTA
PERIGRI NE LIQUORES
EXILIUM AVXILII NIL
SIBI AVARE TENET
1742
NIHIL SIBI

Alguns metros a O. desta fonte, está a antiga casa das audiências e cadeia do couto; hoje serve da sala da aula régia de instrução primária. Tem escada com patim para o terreiro. Quase no fim deste, está um cruzeiro, ordinário, de pedra.

D. Egas Pais de Penagate, começou a fundar este mosteiro alguns anos antes de 1100 da era vulgar; porque no ano de 1091, o abade de Rendufe foi um dos juizes-árbitros numa questão havida entre os monges de S. Pedro de Arouca e uma senhora, chamada D. Godinha. A contenda versava sobre a pretensão de os monges lhe concederem o dito mosteiro, para nele recolher suas filhas e parentas, visto ser padroeira do mesmo.

Edificado o mosteiro em termos de ser habitado, foi D. Egas Pais pedir aos mosteiros de Adaúfe e das Montanhas de Nossa Senhora da Adadia, monges para que habitassem o seu novo mosteiro. Do mosteiro de Adaúfe lhe deram cinco monges e da Abadia três, os quais eram da mesma ordem de S. Bento.

D. Egas obrigou-se a dar o mosteiro concluído e provido com sustentação necessária para os monges; mas ocupado e entusiasmado com amores ilícitos com uma sua parenta em grau próximo, e por cujo respeito estava censurado pelo arcebispo, S. Geraldo, descuidou-se de satisfazer seu compromisso.

(Segue-se o episódio ocorrido na festa de pontifical, em Guimarães, já referido)

Aconteceu isto pelos anos de 1107 da era vulgar. E neste mesmo ano começou a pagar sua pensão à Sé primaz de Braga, como também pagavam outros mosteiros mais antigos, assim consta do livro do arquivo da Sé, chamado *Liber Fidei*, no qual se lê estas palavras: *A Monasterio Rendufe solvitur Ecclesiae Bracharensi, ab anno MCVIII. A Monasterio de Adufe solvitur Ecclesiae Bracharensi, ab anno 1077. A Sancta Maria de Bouro olim Abbatia in montanis solvitur Ecclesiae Bracharensi ab anno 888.*

E daquele ano por diante começou o mosteiro a crescer a olhos vistos, assim em rendas, como em monges. O comendatário D. Henrique de Sousa edificou a igreja anterior à actual, toda de cantaria, à sua custa, e comprou muitas casas para aumentar as rendas do convento.

O edificio do actual mosteiro é de forma quadrangular, com três dormitórios, um a E., outro ao S., outro a O., fechando o quadro, ao N. a igreja.

Estes dormitórios constam de celas, com janelas para a cerca, e corredores que se comunicam uns com os outros e com o andar superior do claustro.

O dormitório do E., unido à capela-mor pelo norte, tem de comprido 45,36, e de largo 5,56 sendo de corredor 2,63. No andar térreo está a sacristia, e no superior, pegado à capela-mor, a sala que foi a livraria. Tem ao S. uma sacada sobre a horta, e no centro uma escada de cantaria que dava serventia para a cerca e claustro; e por ela desciam os colegiais, quando iam para a igreja. Chamase escada de Santa Escolástica.

É tradição que este dormitório foi o mosteiro que D. Egas Pais mandou edificar, mas tem sofrido reformas.

O dormitório do S. tem de comprido 31,30 e de largo 8,25; sendo de corredor 3,60.

Diz Frei Leão de S. Tomás que foi edificado pelos anos de 1650 e tantos.

O dormitório do O. tem de comprido, de norte a sul, 141m; e de largo 10,60, sendo de corredor 3,72. O

(Continua no próximo número)

CAPELA PAROQUIAL de Santa Marta

L A G O

(Continuação da 1.ª pág.)

pisar nos assuntos, através de um trabalho (a Monografia) que foi calculado para umas 250 pág. e, quando tal, está nas 600!... o que geralmente acontece em todas as obras e empreendimentos, que quase sempre dobram no tempo e no dispêndio, o que, neste caso, de facto não estava previsto.

No entanto, como «Tribuna Livre» se mostra sempre predisposta a aceitar e ser portavoz das boas relações e correspondência entre seus leitores e assinantes, toma-se a liberdade de, ao pouco que se esclareceu, acrescentar:

Quando o topónimo, ou melhor, antropónimo (visto tratar-se de nome de pessoa ou de Santo) de um lugar provém de primitiva edificação religiosa, e no presente caso a ermida dedicada a Santa Marta, isso significa que primeiro existiu a capela (posta em sítio ermo) e depois foi-se estabelecendo e crescendo em torno dela o aglomerado populacional; quer dizer: a capela é anterior ao povoado que, sendo muito antigo, faz concluir que ela é mais antiga ainda.

Casos há de sítios e lugares que se designam por nomes de santos e no entanto não há neles nem sequer vestígios de qualquer santuário; deve, porém, concluir-se que já existiram e desapareceram totalmente com o tempo.

Não se averigou se nela haverá gravada qualquer data, mas, que houvesse, seria de reconstrução, porque o deve ter sido uma e mais vezes, como agora necessita, segundo informa o mesmo senhor correspondente.

Os livros paroquiais poderiam dizer muito a tal respeito porque geralmente eram sujeitas a vistórias canónicas, tanto as capelas privativas como as da freguesia e nelas ordenadas constantes melhorias e reparações.

Infelizmente o arquivo paroquial está desfalcado desses elementos, conforme já esclareceu o Rev. mo Pároco, ou porque levaram descaminho em tempos que foram de desordem e desrespeito por estas coisas sagradas, ou porque recolheram aos arquivos arquidiocesanos, como era regulado quanto aos «livros findos».

Fazendo ponto, é de agradecer o interesse do mesmo senhor correspondente por estas coisas reveladoras de certo bairrismo e roga-se que o seu exemplo seja seguido por todos quantos, insatisfeitos por qualquer notícia mal desenvolvida, se manifestem, prometendo-se que serão atendidos na medida que as modestas possibilidades o permitirem.

Domingos M. da Silva

Visado pela Censura

SOPA DOS POBRES DE FERREIROS

(Continuação da 1.ª página)

senhor Luis Gonzaga Calheiros de Abreu, quis que o seu nome ficasse ligado perpétua e eternamente a esta Instituição, legando-lhe a quantia de 100.000\$00, cuja importância foi convertida em papéis de crédito sobre o Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa, cujos rendimentos muito contribuem para a vida económica de Instituição.

Presentemente estão a fornecer-se diariamente cerca de 70 sopas e pão, distribuídas entre velhinhos e crianças.

Ora, este número de beneficiados acarreta à Direcção uma despesa superior às suas receitas e que por vezes lutam inúmeras dificuldades para poderem satisfazer a aquêles encargos.

Não obstante o pouco interesse por estas obras, por parte das pessoas que podem ajudá-las, tudo vai correndo normalmente e na melhor ordem, nunca tendo sido deixado de matar a fome aos desprotegidos da sorte.

Por determinação estatu-

tária, efectou-se no protérito dia 7 do corrente a eleição dos Corpos Gerentes para o biénio de 1959 e 1960.

Procedendo-se ao acto eleitoral, onde se encontrava a maioria dos associados, verificou-se o seguinte resultado.

Assembleia Geral

Presidente, José Manuel de Macedo; Vice-Presidente, António Joaquim Veira; 1.º Secretário, Francisco José Calheiros de Abreu; e 2.º Secretário, António Bernardino Barbosa de Macedo.

Direcção

Presidente, Doutor Manuel Arantes Rodrigues; Vice-Presidente, Domingos Rodrigues; Tesoureiro, António Batista de Macedo Fernandes; 1.º Secretário, Paulo Barbosa de Macedo e 2.º Secretário, José Manuel Martins.

A sua posse deve verificar-se no primeiro dia do mês de Janeiro, no salão paroquial desta Vila.

A. F.

TRIBUNA DO CONCELHO

BESTEIROS

Tríduo Festivo

Na Igreja Paroquial desta freguesia de Besteiros, realizou-se um solene tríduo de pregações religiosas confiadas ao ilustrado Orador Sagrado Rev. P.º Francisco Marques, que agradou plenamente. Os sermões foram sempre bastante concorridos e foram numerosas as comunhões. No Domingo foi o dia da festa, com missa solene acolitada e, à tarde os actos de conclusão. Na segunda-feira foi o dia consagrado às almas do Purgatório, com sermão apropriado e preces públicas aplicadas às almas com o solene jubileu.

Novena do Menino

Está decorrendo esta simpática novena tanto do agrado de todo o povo, mormente de todas as nossas crianças a quem, na festa do Natal, a nossa briosa e Santa Mestreira D. Rosinha costuma dar reбуçados, doces e figos. Reina grande alegria e entusiasmo por esta festividade, havendo ensaios todos os dias.

Preces

Têm-se feito todos os dias pelos nossos queridos doentinhos, mormente pela Família Morais Rocha, Senhor Gonçalves, e nossos generosos benfeitores.

De Luto

Está de luto o Senhor Egídio Vieira, pelo falecimento do seu sógro António Lopes e cunhada Maria da Conceição Lopes, falecidos há pouco tempo em Crespos.

Que descansem em paz. Amem.

C.

CARRAZEDO

Falecimentos

Victimado por uma pertinaz doença faleceu no dia 12 na sua residência em Rendufe o estimado cantoneiro das O. P. sr. Abel da Silva, casado, de 58 anos de idade. O funeral constituiu uma prova das saudades que deixou o estimado cidadão. Pêsames à família enlutada.

Um relógio e um Padroeiro

Movimenta-se a ideia entre os bons católicos para dotar a Igreja de Carrazedo com um relógio e um «S. Martinho» para habitar o «nicho» da fachada central do edifício vazio desde a sua centenária construção!

Cristo Nasceu... em Carrazedo

As figuras que, segundo o Evangelho, assistiram ao nascimento de Cristo, estarão representadas num grandioso presépio montado na Igreja de Carrazedo e que o público poderá admirar durante as festas do Natal.

Uma Comissão de senhoras accionadas pelo entusiasmo de D. Caiana Sá Coutinho Russell e Maria Margarida Gonçalves trabalham afanosamente sob a direcção técnica do sr. Alvaro Gomes da Costa na sua montagem. As alegorias, de excepcional beleza e tamanho, deverão constituir motivo de admiração e atracção não só pelo motivo como pela sua excentricidade.

Boas Festas

É o que do coração desejo ao Corpo redactorial e pessoal das oficinas da «Tribuna Livre» e que a sua existência seja interminável para a felicidade da terra e honra e dignidade para os seus fundadores.

C.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Delegado: ANTONINO NOGUEIRA MARTINS

Estrada Municipal do Plco de Regalados a Valdreu

Tivemos conhecimento de que a estrada em referência vai continuar e cujo estudo atinge agora os limites do lugar de Mixões de Baixo, já para além do Mosteiro. A freguesia de Valdreu, uma das quatro maiores do concelho de Vila Verde (Aboim da Nóbrega, Cervães, Prado e Valdreu).

Só agora vê alguns benefícios do Estado Novo com a abertura da E. M. em causa e que serve grande parte dos seus lugares, da parte baixa, pois que os lugares altos, como Buzeguinha, Posto-Maior, Mixões da Serra, Carrazedelo e Cabaninhas, ficarão a aguardar a sua vez, o que só será possível com o prosseguimento da E. M. de Santa Azias ou pela construção de outra a partir da Portela do Vade.

Atingido o limite do concelho no ribeiro da Levadinha, aquela E. M. será continuada no concelho de Terras de Bouro até à freguesia de Cibões, para o que está o respectivo projecto a ser elaborado pelo nosso particular amigo Sr. Eng.º Cerqueira Pimentel.

Esta importante obra, que tanta gente vai beneficiar, deve-se em grande parte ao Sr. Eng.º Alegria Martins, Dig.º Director da D. M. do distrito de Braga, que nela tem posto o seu melhor interesse.

Daqui lhe dirigimos os nossos cumprimentos muito agradecidos. Precisa aquela freguesia de Valdreu de outros melhoramentos tais como:

a) A construção de dois edifícios escolares: Um no lugar de Posto-Maior, ou melhor em Mixões da Serra para servir a população escolar dos lugares altos atrás mencionados e outro, já previsto no Plano dos Centenários, mas que ainda não teve execução, no lugar de Guilharmil, para servir a população escolar dos lugares de Campo, Quintães, Guilharmil e Casta.

b) A construção de outro edifício escolar no lugar do Mosteiro, em substituição do actual que não passa duma enxovia, imprópria, imunda e prejudicial à saúde das crianças, onde adquirem reumatismos e outras doenças graves que depois se hão-de reflectir pela vida fora.

Urge, portanto, pôr o assunto à consideração de Ex.º Director Escolar e do Ex.º Presidente da C. M. de Vila Verde, Sr. Dr. Santos Ferreira que, como médico muito distinto que é, não deixará de reprovar o actual «tugúrio», fazendo-o substituir por outro e e no mesmo local, nas condições higiénicas próprias do fim a que se destina e que serve a população escolar dos lugares de: Mosteiro, Serrinha, Roda, Guarda, Casal, Uveiras, Mixões de Baixo e Cela.

Além dos melhoramentos aprovados (e não se fala de fontanários que não há nenhuns), é a freguesia digna de mais outro melhoramento—o da *eletrificação*—. Para tanto, bastaria a construção duma cabine para transformação da energia de A. T. e que poderia ser fornecida pela Chenop a partir do posto de transformação existente na sede do concelho de Terras de Bouro (P. T. n.º 3)

Era questão de a Ex.ª Câmara de Vila Verde entrar num acordo com a Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal (Chenop) e... pronto, o melhoramento em causa seria uma realidade. É claro que o benefício da luz eléctrica estender-se-ia à populosa e importante freguesia de Valbom (S. Pedro), servindo a de Valbom (S. Martinho). Estamos no século da luz, na era atómica mas, apesar disso, continua a maior parte dos povos às escuras. Não conhecem o plano de actividade da D.ª Câmara de V. Verde quanto a este sector. Seja como for, afigura-se-nos mais vantajosa e económica a modalidade sugerida do que ter de a transportar a partir de Vila Verde, ou seja, a umas boas

Académico Basket Club de Braga

XXV Aniversário
(1933-1958)

PROGRAMA

Dia 28 de Dezembro de 1958

Às 9 horas—Romagem ao cemitério de Monte d'Arcos, aos jazigos dos sócios fundadores:

José Alberto Amorim Feio Vale; Alfredo Ernesto Marques Branco e Presidente José Antunes Guimarães.

Às 10 horas—No estádio «28 de Maio», torneio relâmpago de «OQUEI EM PATINS», entre as equipas:

Velha guarda do A. B. C. (Ferrugem); Actuais do A. B. C. (Bébés); Campeões Regionais de Júniores de 1952/53 e Campeões Regionais de Júniores de 1958.

Nos intervalos destes jogos, provas de atletismo pelas velhas glórias do «Académico Basket Club»:—80 metros—Salto em altura lançamento de peso, etc.

Às 13 horas—Almoço de confraternização de todos os «Academistas» no Salão Medieval da Biblioteca Pública, presidido por Sua Excelência o Senhor Subsecretário de Estado da Educação Nacional, com a presença dos Ex.ªs Senhores Governador Civil do Distrito, Presidente da Câmara Municipal e de outras altas individualidades.

No final, entrega de distintivos, em ouro e prata, comemorativos das BODAS DE PRATA do Club, a todos os atletas.

dezenas de quilómetros, que tal é a distância que separa a freguesia de Valdreu da sede do seu concelho. Alguém objectará: Mas que tem que ver o autor destas linhas com os melhoramentos de que precisa a freguesia de Valdreu, se esta pertence ao concelho de Vila Verde e ele (autor) ao de Terras de Bouro? Simplesmente por uma só circunstância: É que o autor foi na freguesia de Valdreu que viu pela primeira vez a luz do dia (onde nasceu) e lá pretende morrer, se as circunstâncias o permitirem. Pelo menos é seu desejo lá ser sepultado, quando Deus o chamar. Por isso se justifica o interesse que o autor manifesta no tocante a melhoramentos a levar a efeito na freguesia da sua naturalidade e, ainda, porque a execução dos melhoramentos apontados são de gritante justiça.

Plano de Formação Social e Corporativa Comissão Distrital de Braga

NOTICIÁRIO

Por despacho do Ministro das Corporações e Previdência Social, foi equiparado a secundário o curso de Filosofia ministrado no Seminário Conciliar de Braga, pelo que, a frequência, com aproveitamento, do referido curso concede direito, até aos 18 anos de idade, ao abono de família.

Partiram para Lisboa, onde vão frequentar, durante 20 dias, o 7.º curso geral de Formação Social e Corporativa, os seguintes 10 dirigentes e associados do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Textil do Distrito de Braga: Adriano Fernandes Costeira e José Dias Pereira (Guimarães); Domingos Ferreira Coelho e Domingos da Costa Andrade (Barcelos); José Maria de Bastos e José Mendes (Fafe); Tomaz da Silva Precioso, António da Silva e Francisco da Silva Ferro Júnior (Braga); e Francisco Gonçalves (Vila Nova de Famalicão).

Estão em curso diligências e estudos para a criação da Casa do Povo de Moreira de Cónegos, no concelho de Guimarães.

Para este efeito o dr. Valentim de Almeida e Sousa, delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência do distrito de Braga, conferenciou com o Sr. Arminho Corais, industrial em Moreira de Cónegos.

CADELA

Perdeu-se, no passado dia 11, no monte de Ventosêlo, uma cadela coelheira, de cor amarela e que dá pelo nome de Viana.

Dão-se alvissaras a quem a entregar, assim como se procede a todo o tempo contra quem a retiver.

VENDE-SE

PELA MAIOR OFERTA

CASA DE LOJAS E PRIMEIRO ANDAR COM GARAGEM
—E GRANDE QUINTAL COM VINHA E LARANJAL—

CAMPO DA «TOMADA» COM GRANDE OLIVAL, VINHA
E LARANJAL COM AGUA CORRENTE E COM MOTOR
—E CASA DE CASEIRO

Bouça da Boa Vista e Bouça de Vila Nova
do Lugar do Pilar, freguesia de Fiscal (Amares)

Carta a Augusto Rodrigues Macedo

Rua Fernão de Magalhães, 24-Lisboa

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

N.º 13

(CONTINUAÇÃO)

..... quod Rex non este inde Patronus.
..... quod ista ecclesia habet ibi IIIj. casalia. Rendufi VIIj. casalia et quinionem de ista ecclesia. Et ecclesia de Coucieiro Ij. casalia et medium. Varzea j. casale. Baldrei j. casale. Boiro Ij. casalia et quartam.

Posto em vulgar: «Pedro Viegas abade....., jurados disseram que o Rei tinha aqui alguns reguengos e usufruíam-nos os Mordomos que davam por eles e por caritel 20 bragais, 1 alqueire de manteiga, 1 taleiga de trigo, 1 quarteirão de pão, 1 afusal de vinho, 10 galinhas, 100 ovos, 50 cabeças de alhos e 50 de cebolas, 2 soldos de cera e de pimenta, e no fim do ano cada seu alqueire de vinho, para liquidação. (O alqueire, o almude e o afusal serviam indistintamente por medidas de sólidos e líquidos).

..... que havia aqui 19 casais de herdadores, dos quais davam ao Rei cada um uma espádua e uma taleiga de pão por fogaça, e todos 8 cabritos, 4 leitões, cada um uma cabaça de vinho e 1 cesta de castanhas, exceptuando apenas dois casais. E da Touça e da Bouça davam 2 cestas de castanhas ao Mordomo, com as quais cevasse dois porcos para o senhor da terra, se este lho desse para cevar. Do casal do Bário 1 alqueire e meio de castanhas. Do casal de Maria Peres 1 alqueire. E davam de toda esta colação, por fossadeira, 11 bragais e 5 côvados. E davam de Real ao Mordomo 1 frangão, 10 ovos, 1 alqueire de pão. Da Bouça 1 frangão, 10 ovos. Do Gontado 1 alqueire de vinho e 1 alqueire de pão, 1 frangão, 10 ovos. E davam de porco montês a espádua, de urso a mão e do primeiro veado uma perna, dos restantes nada. E deviam ser Mordomos menores, ou pequenos, os filhos e netos de Pedro Peres, os de Ourigo Alvites, os de Pedro Oveques e os de Gonçalo Oveques.

E, em tempo de Guerra, iam guardar o Castelo e a Portela de Homem.

..... que o Rei não era daqui Padroeiro (mais tarde veio a ser do Padroado real).

..... que esta igreja possuía aqui 4 casais. Rendufe 8 casais e um quinhão desta igreja. A igreja de Coucieiro 2 casais e meio. S. Bento da Várzea 1 casal.

Baldreu 1 casal. Bouro 2 casais e a quarta parte de outro.»

Por esta, que exactamente se escolheu por ser talvez a mais onerada de fintas e derramas a favor das classes privilegiadas; e tendo em devida conta a melhoria dos casais que se haviam constituído em posse das igrejas e mosteiros, pode, de modo genérico, apreciar-se o estado económico da «terra de Bouro» e mais amplamente de todo o norte do país, quando nos primeiros tempos da Monarquia entre elas e a coroa começou a dirimir-se uma contenda pelo uso, ou abuso, de posse de direitos, que levou séculos, senão a aplacar definitivamente, que isso é impossível enquanto houver homens e interesses, pelo menos a atenuá-la sensivelmente e trazê-la com o tempo ao palco dos tribunais, que a civilização veio pondo à disposição de todos como remédio comum de suas reivindicações.

Vinha de trás o espírito de sacrifício deste povo, unido, sóbrio e trabalhador, já como o gravame da dominação leonesa; dos foros de espécie à pecuária e montaria; à minúscula dos frutos espontâneos, palhas, landes, castanhas; as especiarias do leite, pimenta, queijo, cera e mel, tudo isto e o mais ia buscar-se aonde o havia, nas pobres terras da montanha que a relativa paz e ordem faziam ricas em sua época, quando os úberes nateiros da planície permaneciam ainda incultos, motivo de uma luta indecisa por mais de sete séculos entre cristãos e infiéis.

De 1220 a 1258, in collatione Sancte Marine de Florenti, a colheita de direitos estende-se pelos muitos casais e herdades: da Fonte, do Barrio, Cabritos, Velhos, Camondos, Rial, Moves, Bouça, Touça, Gontago, don Mido, Lage, Burgo, Cão, Requeixo, Outeiro, Mourelo, Soutelo, Pomar, Varzea, Pena Cova, Portela, Outeirinho, Novais, Sorodoeiro, Vilar, Cabanelas..... Et quando correrem monte, se matam porco dam spadoa ao Senhor da terra, et do osso (urso) as mãos, et se matam corzo dam una perna ao Mordomo pequeno.

Et am de saçar todas estas directuras davanditas (et daren as ao Senhor da terra no Judicato de Boyro u el quiser).

A par do agravamento da situação tributária: o casal da grava das nigritas que era foreiro del Sey, desepararom nos polos foros que avia grandes, et que in Regaengo, verifica-se que os moradores foram deitando mão (questão de ontem, de hoje e de sempre) de subterfúgios a este primórdios da legislação fiscal.

(Continua no próximo número)

Tribuna Desportiva

VATICÍNIO

Termina no próximo domingo a primeira volta do Nacional da 1.ª divisão com mais uma jornada cheia de interesse, dadas as saídas do Benfica ao campo de Santa Bárbara e do Belenenses ao estádio José Alvalade, onde vai defrontar o Sporting. Tribuna Livre, como não podia deixar de o fazer, cá está presente para prognosticar mais esta jornada difícil como todas as outras já efectuadas. Avizinha-se já a segunda volta e com ela as preocupações, aflições e responsabilidades para cada clube, uns mais que outros, conforme os lugares que ocupam na tabela da classificação. Preocupações e aflições para os da rectaguarda e responsabilidades para os que ocupam os lugares cimeiros, procurando segurar-se e esperando que este ou aquele caia como é natural. O Benfica, comandante da classificação, tem agora duas saídas difíceis à Cuf e a Guimarães, pondo os seus mais directos competidores à espreita de qualquer deslize, que possa surgir, o que é natural como natural foram as escoregadelas dos clubes mais cotados nesta prova.

Os bracarenses vão a Se-

tubal defrontar o Vitória local. Jogo difícil para o grupo de Braga e de sérias preocupações para os sadinos. O grupo minhoto é sempre adversário de respeito e o seu antagonista não pode contar com a vitória antecipada. Os Setubalenses vencerão a partida, pois virá à mó de cima o facto de jogar em casa.

Os estudantes vão às Caldas. Os caldenses necessitam vencer pois a sua posição nesta prova é bastante comprometedora. Será desta vez? Tudo é possível que uma vitória pela tangente surja a seu favor, sem todavia deixar de olhar de perto para a turma escolar, capaz de tudo.

O Guimarães recebe a Covilhã. O Grupo da serra não tem justificado a sua presença nesta prova e no próximo domingo irá dar tudo por tudo para conseguir um resultado honroso. Estamos certos, no entanto, que a derrota será inevitável.

O Comandante vai ao campo de Sta. Bárbara defrontar a Cuf. Possuindo um grupo aguerrido, os cufistas não são adversários batidos de antemão. Soirá no próximo do-

(Continua na 2.ª página)

TRIBUNA DE VILA VERDE

AVALIAÇÕES E OBSERVAÇÕES no Concelho de Vila Verde

Uma necessária revisão da matriz rústica no Concelho de Vila Verde levou o Estado a nomear Comissões habilitadas para o bom desempenho dessas funções. Espalhadas pelas 56 freguesias desse grande Concelho galgam a terra e sobem as montanhas 24 homens escolhidos para a dignificação do serviço ainda longe do seu fim, demonstrando o seu poder físico e moralizador. Não me consta que, até agora, algum desses alpinistas tivesse enfraquecido ou desistido.

É natural que o contacto com esse povo heróico e destemido que procura com honra e sacrifício arrancar da terra a sua subsistência e pagar os encargos agora muito ampliados como todos aqueles que usufruem melhores condições de vida, impõe ao louvado humano e justo o dever de meditar como será possível ao montanheiro resistir sem desfalecimento quando pensa a sério na situação em que se encontra. O distinto Chefe da Secção de Finanças destinou à Comissão «B» a freguesia de Duas Igrejas, uma das maiores do concelho que levou seis meses a percorrer. É uma prenda geográfica que os queridos Vilaverdenses, a não ser caçadores, não deverão conhecer, mas merece uma visita atenta para melhor conhecerem os «Heróis da Terra». Bons companheiros foram escolhidos para essa comissão.

Bento Cerqueira, de Prado e António Macedo, de Novegilde, deram provas exuberantes de resistência, talento e bondade sem esquecer a honestidade e a competência, qualidades estas impres-

cindíveis a todos os componentes das restantes comissões.

Na montanha alterosa e nos lugares de Goutinho, Codessal, Parinhoso, etc, é que começou a nossa odisséia. Logo de entrada, e sem momento de confusão política, o estado de espírito dos habitantes era refratário às boas intenções do Governo e dos seus representantes, cheios de exigências de nula utilidade local. A intervenção do energético regedor possibilitou o começo do serviço e deu a conhecer a sua utilidade para bem desse povo avesso à verdade e esquecido da Justiça.

Como disse, a estrutura moral dos companheiros, certamente conhecidos no seu concelho pela lhanza do seu trato e honestidade das suas vidas, foi factor importante para que daí e para sempre reinasse a boa compreensão e confiança nos melhores dias que aguardam os acontecimentos com ansiedade. Os interesses deverão ficar uniformizados, graças à frequente inspecção de um competente engenheiro agrónomo que, carinhosamente orienta os serviços sem esquecer a fragilidade produtiva da terra e a financeira dos seus detentores tão fragmentados. Cumprida a missão na montanha que galgamos várias vezes, depois de percorrer 10 quilómetros a pé para atingir a «Pousada» turística e gastronómica e onde o bicarbonato de soda que o Sr. Silva das Cabanas vende para facilitar a digestão não foi usado nem procurado, e também sem enfartamentos monetários, descemos às planícies do lugar das Cabanas, onde um pa-

chorrento informador, especialista em culinária, nos recebeu com o seu carinho e bondade para recomendar os trabalhos. Também nos alegrou, nesse lugar uma Casa do Povo que abre as portas aos sócios uma vez por semana para a consulta médica. A luz eléctrica a jorros e a música dos rádios dão uma nota alegre e cidadina ao povoado e se estes nada oferecem de interessante há o recurso pouco vulgar da Casa do Sr. Silva empresário comercial, de cultura e educação que o proprietário projecta indistintamente. Nestas terras planas e ribeirinhas onde o amanho é menos penoso e maior o rendimento, já os pomares, as oliveiras e videiras orlam, embelezam e enriquecem os campos ubérrimos mas não enriquecem espiritualmente alguns proprietários que, pagando também à Casa do Povo, ao Grémio da Lavoura, o imposto de trabalho e outras «nicas», têm a vantagem de uma assistência religiosa eficaz dirigida pelo bondoso Padre Malheiro o que não acontece àquele que referi do alto da árdua montanha.

Que as avaliações sirvam para creditar outras instituições são os votos dos louvados que se despedem para ir começar a freguesia de Freiriz.

ELÍSIO GONÇALVES

O próximo número, por ser comemorativo do aniversário deste Semanário, sairá no dia 31 de Dezembro.



CONTO DO NATAL

A Tia Miquelina

(Continuação da 1.ª página)

Carlinhos e à Mafaldinha.

Dali em diante, as tentadoras pinhas que para os três irmãos eram um verdadeiro tesouro, passaram a ser motivo de grande alegria para os dois contemplados e cruento suplício para o deserdado Joãozinho. Todos sabiam onde se encontrava este tesouro; e nos escassos dias que decorreram até ao Natal, às furtadelas, cada um ia ver, contar e recontar as pinhas que lhes haviam de dar a fortuna que faria rodopiar o lindo «rapa» de metal que a Tia Miquelina trazia tão limpo que até parecia de fino ouro.

Não seria difícil de adivinhar que estranho pezar invadiria a alma do Joãozinho quando um dia, a Tia Miquelina, o foi encontrar, tristemente abatido, em frente do caixão das pinhas a contemplá-las, a mirá-las cubiosamente.

—Que fazes aí maroto! Já sabes que isso não te pertence.

E passados apenas momentos, o Joãozinho exclamava:

—Titia! Eu não volto a fazer tolices!...—E agarrou-se à Tia, em copioso choro.

—Bem sabes que dei as pinhas todas aos teus irmãos e que não posso tirar-lhas: o que uma vez se dá, não pode tirar-se novamente! Quereres os teus irmãos dar-te as pinhas, se pedires perdão ao Carlinhos? E dito isto, afastou-se, comovida.

* * *

A Tia Miquelina, depois deste episódio com o Joãozinho, não quis saber mais do que se teria passado entre os irmãos acerca da dávida dos pinhões que havia proposto, mas notou que o Joãozinho continuava atormentado por qualquer coisa que não poderia ser, senão, o assunto dos pinhões.

Preguntou no próprio dia de «Consoada» aos irmãos, antes do «assar das pinhas», se o Joãozinho lhes havia pedido alguma coisa, e a resposta foi negativa. Então ordenou:

—Ide chamar o Joãozinho! Enquanto voltavam, a Tia pensou em que o ressentimento do Joãozinho para com o irmão devido ao castigo sofrido, fosse motivado por orgulho e, logo que se aproximaram, interrogou-o:

—Entou não quiseste pedir perdão a teu irmão?!

—Eu esperava que a Titia

lhe dissesse alguma coisa para ele me perdoar!

—Estou a ver que ficas sem pinhões, se é que não queres pedir perdão ao Carlinhos!

A Tia esperou a reacção e logo verificou que o Joãozinho se dirigia ao irmão, suplicantemente:

—Foi mau para contigo; perdoa-me Carlinhos!

A reconciliação estava feita, mas antes que os irmãos pudessem falar, para oferecer-lhe os pinhões que o seu castigo lhe havia tirado, logo retorquiu essa criança que, final, era tão generosa e amiga da justiça como era também impulsiva e geniosa, segundo havia demonstrado várias vezes:

—Pedi perdão ao Carlinhos, mas não aceito os pinhões que vos pertencem; quero apenas, emprestados, alguns para jogar logo convosco e, se ganhar, devolvo-os novamente.

A Tia ficou estupefacta com a inesperada atitude do sobrinho, mas como era apenas juiz do pleito, não pôde pronunciar-se e deu como aceite a proposta.

* * *

Ia iniciar-se a preparação dos pinhões para que estivessem prontos para a disputa a fazer depois da Ceia do Natal, no tradicional jogo do «rapa». Aceso o fogo e lançadas as pinhas ao fogo, estas encharmaram-se e o odor da resina perfumou toda a casa, misturando-se com o aroma do mel, da canela e de outras especiarias que entravam na confecção das goloseimas da Con-

soada. Logo que a acção do fogo começou a fazer abrir as escamas das pinhas, eram retiradas para se lhes extrair os pinhões. Tia e sobrinhos, auxiliados por uma criada, extraíam e limpavam os pinhões em aprazível tarefa. Quando estavam prestes a terminar, a Tia Miquelina disse:

—Vou buscar uns saquinhos que eu própria fiz para os pinhões.

E retirou-se por momentos. Ao voltar trazia quatro pequenos sacos de pano, em cores diferentes, propondo:

—Este, cor rosa, é para a Mafaldinha; este, amarelado, para o Joãozinho (levará os pinhões do empréstimo); este azul, para o Carlinhos; este outro, alaranjado, é meu, também para um empréstimo que que vou pedir.

E iniciaram a partilha dos pinhões: 24 pares de empréstimos ao Joãozinho, outro tanto à Tia, o resto dividido entre os dois afortunados capitalistas.

* * *

A Ceia do Natal correu animadamente: falou-se muito e comeu-se melhor, sem esquecer de comentar a disputa que iria travar-se dentro em pouco e em que, talvez, o Joãozinho puderia recuperar o que a sua feia acção lhe havia tirado.

propósitos da Tia Miquelina inclinava-se-lhe, fazendo encher a sua saca e fazendo esgotar o primeiro empréstimo do Joãozinho e o segundo, de mais 24 pares. A certa altura exclamou:

—Não jogo mais para ver se o Joãozinho ganha; a sorte persegue-me!

—Paciência, Titia!— respondeu o Joãozinho, conformado.

A Tia deixou de jogar e a sorte continuou a negar-se, teitosamente, ao desafortunado Joãozinho, inclinando-se agora para Mafaldinha.

Já tinha tocado para a «Missa do Galo» e era necessário terminar. Foi então que a Tia Miquelina, usando do seu habitual carinho, lançou no alma do Joãozinho esta esperança:

—Amanhã teras mais sorte, Joãozinho; logo na Missa pede ao Menino Jesus que te lance no sapatinho muitos pinhões, os pinhões da sortel...

Os irmãos, com pena, também secundaram a Tia:

—O Menino Jesus vai deixar muitos pinhões no sapatinho do Joãozinho, porque ele arrependeu-se da sua falta.

E na realidade, quando na manhã do dia seguinte, a Tia Miquelina despertou o Joãozinho, levou-lhe a notícia de que a sua saca dos pinhões estava no sapatinho, completamente cheia.

—Vai ver se são pinhões, vai Joãozinho!...

E eram, realmente, lindos e gordos pinhões como os da véspera...

E M E